

# CONSTRUINDO CAMINHOS PARA ASSISTIR FAMÍLIAS: UM DESAFIO PARA ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

BURILLE, Andréia<sup>1</sup>

SILVA, Danubia Andressa da<sup>2</sup>

MACAGNAN, Kelly Laste<sup>3</sup>

ZILLMER, Juliana Graciela Vestena<sup>4</sup>

SCHWARTZ, Eda<sup>5</sup>

SANTOS, Elziária Brum dos<sup>6</sup>

**INTRODUÇÃO:** Atualmente temos observado que as doenças crônicas destacam-se no atendimento dos Serviços de Saúde. Isso se deve a mudanças no perfil epidemiológico e sócio demográficos da população. A expressão doença crônica é definida como uma condição que afeta as funções do indivíduo em suas atividades diárias, sendo incurável, permanente, levando a incapacidade<sup>(1)</sup>. Entre as doenças crônicas esta a doença renal, que consiste em perda progressiva e geralmente irreversível da função dos rins (glomerular, tubular e endócrina), em sua fase mais avançada, chamada de fase terminal ou estágio 5, os indivíduos necessitam de tratamento dialítico<sup>(2,3,4)</sup>. Por ser considerada grave, incurável, de evolução progressiva, que traz consigo problemas físicos, psicológicos, sociais e econômicos se faz necessário integrar e incluir a família no processo de cuidar e ser

cuidada<sup>(5)</sup>. Descrever e trabalhar com família representa um desafio para os profissionais e estudantes da saúde. Mas afinal o que podemos considerar família? Estabelecer uma definição de família é muito difícil, pois depende de muitos fatores, como por exemplo, sociais, econômicos, culturais, ou religiosos que influenciam diretamente e definem o conceito de família na sociedade contemporânea. Sendo assim, cada família é única e assistir uma família que convive com a doença crônica, muitas vezes permeada de significados, traz insegurança e dúvidas tanto para profissionais, quanto para estudantes, pois até então não a conhecemos em sua dimensão, não possuímos respostas prontas para as questões que possam surgir. A família é uma unidade social que se encontra interligada ao paciente através do amor podendo ou não ter laços legais ou de consangüinidade. Acreditando que o paciente é

<sup>1</sup>Acadêmica do 7º semestre da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFPel; membro do NUCCRIN – Núcleo de Condições Crônicas e suas Interfaces; bolsista PROBEC. Email: [andreiburille@yahoo.com.br](mailto:andreiburille@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Acadêmica do 9º semestre da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFPel; membro do NUCCRIN; bolsista PROBEC. Email: [a\\_lipchen@yahoo.com.br](mailto:a_lipchen@yahoo.com.br)

<sup>3</sup>Acadêmica do 7º semestre da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFPel Email: [kmacagnan@gmail.com](mailto:kmacagnan@gmail.com)

<sup>4</sup>Enfermeira, Aluna do Mestrado em Enfermagem e Especialização Multiprofissional em Saúde da Família da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFPel; membro do NUCCRIN. Email: [juzillmer@gmail.com](mailto:juzillmer@gmail.com)

<sup>5</sup>Enfermeira, Doutora e Docente da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFPel; Coordenadora do NUCCRIN. Email: [eschwartz@terra.com.br](mailto:eschwartz@terra.com.br)

<sup>6</sup>Enfermeira especialista em nefrologia, chefe do setor de hemodiálise do hospital Beneficência Portuguesa. Email: [ebsbrum@yahoo.com.br](mailto:ebsbrum@yahoo.com.br)

um segmento da família e que de suma importância à reabilitação do mesmo, torna-se necessário atender as necessidades da rede familiar. Assim, entendemos que quando um membro da família é hospitalizado ou fica doente, o equilíbrio e os papéis ocupados por cada membro da família são afetados <sup>(6)</sup>. Percebe-se que a integração da família no ambiente terapêutico propicia respostas positivas tanto para os familiares quanto para os pacientes, pois o fato de estar presente torna o ambiente mais tranquilo, aconchegante e seguro para ambos. Neste contexto o vínculo enfermeiro-paciente-família é extremamente relevante, uma boa relação permite que a confiança e o respeito se estabeleçam e dessa forma as trocas ocorrem de maneira singela e natural. A capacidade de estabelecer relações interpessoais, durante o ato de cuidar, é um fator significativo para o bem estar do paciente e família <sup>(7)</sup>. O assistir as famílias dos pacientes com doença renal crônica em tratamento dialítico, se deve ao fato destas ficarem aguardando na sala de espera da Unidade de Nefrologia pelo seu familiar até que esse realize o tratamento. Isto possibilitou nos aproximarmos das famílias buscando criar vínculos com o intuito de conhecer a estrutura, a dinâmica familiar e a compreensão do adoecer e viver com a cronicidade. **OBJETIVO:** Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências de acadêmicas de Enfermagem ao assistir famílias na sala de espera de uma Unidade de Nefrologia. **METODOLOGIA:** O estudo foi desenvolvido em um Serviço de Nefrologia localizado em um município de médio porte do Rio Grande do Sul, no decorrer das atividades do Projeto de Extensão “Internato em Enfermagem Nefrológica” sob o

nº 53654023 da Graduação em Enfermagem de uma Universidade Pública, no período de 2007 e 2008. O internato começou no ano de 1992 e seguiu com suas atividades até 1998, em 2003 retomou novamente com suas atividades, as quais são desenvolvidas até os dias atuais. Busca possibilitar aos acadêmicos de enfermagem atuar juntos com pacientes renais crônicos, conhecer seus tratamentos e assistir suas famílias. Aliado a isso, também busca desenvolver atividades de educação em saúde e dar suporte para desenvolvimento de trabalhos científicos. A maioria dos pacientes vem a unidade acompanhados de seus familiares, os quais aguardam na sala de espera, enquanto o tratamento transcorre. É neste momento que as famílias são abordadas pelos acadêmicos, que interagem com os familiares dando apoio e orientações sempre que necessário, buscando formar um vínculo para poder melhor assistir a família. **RESULTADOS:** Podemos constatar que assistir famílias tem suas dificuldades, mas proporciona muitos pontos positivos. Destacamos algumas dificuldades vivenciadas por acadêmicos de Enfermagem, os quais foram: insegurança em se aproximar da família, dificuldade em conquistar sua confiança e estabelecer um vínculo. Estas dificuldades vêm acompanhadas de outras, como por exemplo, a resistência da família em ser assistida e o despreparo dos acadêmicos para cuidar dessa, pois ainda pouco se discute sobre família durante a formação profissional. Outro ponto relevante são os valores e culturas de cada família, que pode auxiliar ou dificultar no assistir a família, pois muitas famílias não gostam de expor seus problemas, tornando assim a abordagem difícil e pouca efetiva. Contudo enfatizamos alguns aspectos positivos

em assistir as famílias tais como: ao formar um vínculo com a família, conseguimos entender e conhecer melhor a história do paciente que é atendido na unidade. Dessa forma, nos proporciona subsídios para orientá-la suprir dentro do possível suas dúvidas e amenizar seus anseios. Não apenas uma relação de profissional-família se estabelece, e sim laços de amizade, nas quais as trocas de experiências e conhecimentos ocorrem mutuamente. Muitas informações são passadas, e estas auxiliam na adesão ao tratamento e conseqüente na melhor qualidade de vida do paciente e fortalecimento dos vínculos familiares. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Durante nossa trajetória acadêmica somos confrontadas com diferentes situações nas quais somos instigadas a superar nossas dificuldades, para assim conseguir realizar um cuidado humanizado, sob a ótica da integralidade. Isto quer dizer que vai muito além de procedimentos técnicos e funções burocráticas, busca-se incansavelmente desenvolver o cuidar de indivíduos e famílias que necessitam de conforto, acolhimento e esperança em um momento que se encontram fragilizados pela doença e pelo tratamento. Ao assistir famílias deve-se considerar que cada família tem suas singularidades, e devem ser respeitadas, também tem potencialidades para cuidar e enfrentar o processo de adoecer e necessitam ser constantemente reforçadas. Salientamos que o enfermeiro tem papel fundamental no cuidado a família. Sendo assim, considera-se que este trabalho foi de suma importância para a nossa formação no sentido de percebermos que estamos em constante movimento de aprendizado e que este continuará por toda nossa vida profissional. Salientamos que assistir as famílias, mais

especificamente conhecer como este sistema se desenvolve é essencial, pois a família exerce um papel fundamental para enfrentamento da doença, adesão do tratamento e no viver melhor com a cronicidade.

**DESCRITORES:** Família; Enfermagem; Diálise.

## REFERÊNCIAS

SMELTEZER, S.C.; BARE, B.G. Tratamento de pacientes com disfunção urinária e renal. In: SMELTEZER, S.C.; BARE, B.G. Tratado Médico-Cirúrgica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 1054-1084.

KUSUMOTA, L.; RODRIGUES, R.A.P.; MARQUES, S. Idosos com insuficiência renal crônica: alterações do estado de saúde. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 12, n. 3, maio/jun. 2004.

ROMÃO JUNIOR, J.E. Doença Renal Crônica: Definição, Epidemiologia e Classificação. Jornal Brasileiro de Nefrologia, v. 26, n.3, supl. 1, ago. 2004.

THOMÉ, F.S.; GONÇALVES, L.F.S.; MANFRO, R.C.; BARROS, E. Doença Renal Crônica. In: BARROS, E. et. al. Nefrologia: Rotinas, Diagnóstico e Tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 381-404.

SHWARTZ, E. Conhecendo as Estratégias das Famílias com um dos seus integrantes com doença renal crônica. 2003. Pelotas Ufpel.

GUANAES, A; SOUZA, R.P. Objetivos, conceito, histórico e filosofia. In. Magalhães AMPB, organizador. Humanização em Cuidados Intensivos- AMIB. Rio de Janeiro: Revinter; 2003.p.1-8.

STEFANELLI, M.C. Comunicação com o paciente: teoria e ensino. 2.ed. São Paulo: Robe, 1993.